

É hora dos bancos fazerem o impossível

O presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, disse ontem que o Brasil vai continuar a manter a pressão sobre os bancos internacionais para que dêem uma resposta até o dia 31 de dezembro aos quatro pedidos feitos pelo Governo brasileiro para viabilizar o financiamento da dívida externa em 1983.

— Não queremos que a situação indefinida se prolongue. Todos diziam que era impossível fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional em tão curto prazo e o Brasil conseguiu. É hora de os bancos internacionais fazerem sua parcela do impossível — afirmou Langoni.

Segundo ele, praticamente não existe a hipótese de uma resposta negativa, pois evitar que o Brasil peça moratória não é uma questão de interesse apenas do Governo brasileiro, já que “todos estão no mesmo barco”.

— O Brasil precisa manter o fluxo de caixa para financiar suas necessidades de empréstimos em moedas estrangeiras no ano que vem (totalizam US\$ 16,8 bilhões) e os bancos querem, por sua vez, manter a estabilidade do sistema financeiro internacional — comentou.

Uma demonstração de que os bancos estão receptivos às quatro propostas brasileiras, de acordo com o presidente do Banco Central, é o fato de os 40 maiores bancos do mundo, responsáveis por 55 por cento da dívida externa do País, terem permitido, na reunião de Nova York, que seus nomes fossem colocados no telex que o BC enviou anteontem à noite aos 125 bancos aos quais vem solicitando um empréstimo de US\$ 4,4 bilhões — o jumbo — e a todos os pequenos e médios bancos

(são mais de mil) aos quais está pedindo a renovação das amortizações que vencem em 83, no volume de US\$ 4 bilhões.

Esses 40 bancos, principais credores do Brasil, segundo Langoni, já se comprometeram em aceitar as solicitações do Governo brasileiro.

A CARTA DO FMI E A RESPOSTA A BARDELLA

O presidente do Banco Central informou ontem que as autoridades brasileiras pretendem divulgar os termos da carta de intenção ao Fundo Monetário International assim que assinarem o documento, o que deverá acontecer ainda neste fim-de-semana.

Langoni explicou que a carta ainda não foi assinada pelo Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e pelo Ministro do Planejamento, Delfim Netto, porque sofreu alterações quando foi enviada ao Diretor-Gerente do FMI, Jacques de Larosière, mas que agora, após passar por uma releitura, será assinada.

— É intenção do Governo divulgar seu conteúdo à Nação — assegurou.

Quanto à notícia de que havia na carta uma meta para a inflação de 1985 de 20 por cento (informação do próprio Jacques de Larosière), Langoni negou categoricamente. Disse que o Governo brasileiro não é futurólogo para prever a inflação de 85 e que do documento colista apenas uma previsão para a inflação de 1983, já conhecida, de 70 por cento.

O presidente do Banco Central respondeu às declarações do empresário Cláudio Bardella a respeito da ineficiência das autoridades brasileiras e da falta de verdade de suas afirmações.

— É uma crítica absurda, absolutamente sem sentido. O Governo vem realizando um grande esforço, desde setembro,

para fazer com que o Brasil continue a funcionar, sem passar pelo trauma de uma tragédia na área cambial. Só ter sido evitada até agora uma crise cambial é um resultado concreto, por si mesmo, sensacional — afirmou.

RENEGOCIAÇÃO, UMA QUESTÃO SEMÂNTICA

Assim como em 1981 Carlos Geraldo Langoni se negava a pronunciar a palavra recessão, hoje evita, por todos os meios, pronunciar a palavra renegociação.

Quando indagado se o Brasil estava renegociando sua dívida externa com os banqueiros estrangeiros, de forma parcial ou global, responde sempre que o que o Brasil vem fazendo é “apresentar um projeto de financiamento total das necessidades de empréstimos em 1983 à comunidade financeira internacional”.

Acentuou que na opinião dos próprios banqueiros internacionais “o Brasil não apresentou um plano de renegociação global da dívida externa, como o México ou a Polônia, já que renegociação global implica transformar todos os empréstimos de curto prazo em longo prazo e solicitar a ampliação do prazo de carência dos vencimentos.”

Frisou ainda que o Brasil em momento algum deixou de pagar a dívida e que está apenas renovando a parcela das amortizações de principal que vencem em 83.

— Trataria-se então de uma renegociação parcial? — perguntou um repórter.

— Essa é uma questão semântica. — Chamem do que quiser — disse Langoni — O que fizemos, repito, vou levar aos banqueiros um plano de financiamento global da dívida em 83.